

#11 | JULHO | 2010

BETAR & ARTES & LETRAS

Festival ao Largo

Música clássica para desfrutar nas noites de Verão

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Caros amigos,
Continuamos a fazer questão de lhes oferecer uma selecção dos melhores eventos culturais que por aí se realizam.

E porque o verão chama a música, são inúmeros os espectáculos, de norte a sul do país. O Chiado volta a receber o Festival ao Largo, e Cascais e Mafra organizam, uma vez mais, o CoolJazzFest.

Optámos, ainda, por fazer um encarte com os chamados Festivais de Verão. António Cabral fez um levantamento dos mais clássicos.

No cinema, como habitualmente, José Mendonça destaca duas estreias e um clássico. Desta vez as honras pertencem a Alfred Hitchcock.

Nas artes e no teatro, há também excelentes propostas, designadamente o Festival Internacional de Teatro de Almada.

Para ler, José Mendonça propõe Carson Mccullers e Maria João Duarte fala-nos da obra de José Saramago, em homenagem ao nobel português, que recentemente nos deixou.

A secção *Lá fora* continua a destacar algumas exposições de grandes artistas internacionais, e a colaboradora residente apresenta o que de melhor acontece no Porto.

Nas páginas de opinião, a palavra pertence a António Cabral que escreve sobre a ópera *Cardillac* e o livro *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares.

Dê-nos também a sua opinião sobre um livro ou um filme que o tenha marcado.

Até breve!

TIAGO MENDONÇA

EDITORIAL

Este mês, além do clássico de 1953, *As férias do Sr. Hulot*, de Jacques Tati, José Mendonça apresenta-nos dois filmes diferentes, quer na apreciação dos críticos, quer na sua própria apreciação.

NO GRANDE ECRÃ

A Religiosa Portuguesa

Uma produção luso-francesa



Título original: A Religiosa Portuguesa
De: Eugéne Green
Com: Ana Moreira, Beatriz Batarda, Diogo Dória
Género: Drama
Classificação: M/12
Portugal e França, 2009, 127min

Esta é a história de Julie Hauranne, uma jovem actriz francesa que fala português, a língua de sua mãe, mas que nunca esteve em Lisboa. Julie chega pela primeira vez a esta cidade, onde vai rodar um filme, e deixa-se fascinar por uma freira que vai rezar, todas as noites, para a capela da Nossa Senhora do Monte, na colina da Graça. Ao mesmo tempo, fica cativada por uma criança de 6 anos que resolve levar de férias para Paris e depois propôr a sua adopção. Um filme que, apesar da apreciação crítica não ter sido a melhor, fascina-nos pelas maravilhosas imagens de Lisboa. A cidade aparece deslumbrante, em magníficos planos. Basicamente esta é uma obra de um cineasta experimental que se apaixonou por uma cidade. Eugéne Green faz uma declaração de amor a Lisboa, como se fosse a mulher da sua vida. Destaque também para a voz de Camané e Aldina Duarte e pela delicadeza das personagens nas relações entre si.

Líbano

A realidade do realizador



Título original: Lebanon
De: Samuel Maoz
Com: Reymond Amsalem, Ashraf Barhom, Oshri Cohen, Yoav Donat
Género: Drama
Classificação: M/16
Israel, Alemanha e França 2009, 97min

Junho, 1982 - Primeira Guerra do Líbano. Um único tanque é destacado para explorar uma cidade hostil que foi bombardeada pela Força Aérea de Israel. O que parece uma missão simples fica progressivamente fora de controlo e transforma-se num terrível pesadelo. Neste filme, vamos passar o tempo todo dentro deste tanque de guerra. Os soldados são simples homens com medo. São quatro rapazes com pouco mais de 20 anos que controlam uma máquina de matar. Foram atirados para as teias de uma guerra absurda e injusta e lutam pela própria vida, tentando não perder a humanidade no caos do conflito. O tanque acaba sozinho no meio de um campo de girassóis... uma imagem linda que contrasta com todas as outras. O realizador Samuel Maoz era ainda um jovem quando foi enviado para os combates no Líbano. Acabado o conflito, Maoz decidiu escrever o argumento de um filme. Levou 25 anos a completar esta história.



clássicos Rebecca

É surpreendente que, apesar da sua longa e frutífera carreira e das várias nomeações recebidas, Hitchcock só tenha ganho o Óscar de melhor filme com a sua primeira película americana: *Rebecca*. Talvez este facto seja indicativo do poder e influência do produtor David O. Selznick que, acabado de sair do sucesso de *E tudo o vento levou* (1939), não deixou oassar a oportunidade de trabalhar com o realizador britânico nesta estória gótica de fantasmas da autoria de Daphne Du Maurier. Graças a um orçamento generoso, Hitchcock pôde transformar a mansão de *Manderley* numa personagem do filme, gesto que mais tarde inspiraria Welles na sua concepção de *Xanadu* em *O mundo a seus pés*. O palacete à beira mar é o cenário nebuloso ideal para os amores atormentados de Joan Fontaine e Laurence Olivier. Este dá vida a um viúvo rico que corteja a inocente Fontaine e com ela casa após um romance meteórico. A protagonista nunca acredita na sorte que teve ao encontrar um homem tão atencioso, mas, à medida que a sua relação amorosa se aprofunda, vê-se assombrada pelo fantasma de

Rebecca, a antiga e falecida esposa de Olivier. Serão as assombranças fruto de uma imaginação fértil e paranóia ou obra de uma força nefanda? *Rebecca* marcou a chegada auspiciosa de Hitchcock aos EUA e, na cerimónia dos Óscares de 1940, conseguiu mesmo derrotar a última obra britânica do realizador: *Correspondente de guerra*. Quase todos os traços artísticos do cineasta estão presentes em *Rebecca* no seu esplendor: a omnipresença de um passado obscuro e misterioso, as suspeitas à flor da pele e a presença espectral e ameaçadora da desonestidade e traição. Faltam a *Rebecca* os gracejos espirituosos e o humor, característicos de Hitchcock. Todavia, esta ausência de leveza deve-se à natureza melancólica do romance de Du Maurier. Os segredos de *Manderley* empurram Fontaine para o abismo da demência e Hitchcock diverte-se, intensificando gradualmente a tensão da película até à sua conclusão assombrosa.

Título original: *Rebecca*
De: Alfred Hitchcock
Com: Laurence Olivier, Joan Fontaine, George Sanders, Judith Anderson, Gladys Cooper, Nigel Bruce, Reginald Denry
EUA, 194

O Verão tem todos os condimentos apetecíveis para se prepararem espectáculos. Este ano, como tem sido regra, são muitos os eventos musicais que decorrem em Lisboa. Eis algumas propostas.



Caetano Veloso regressa a Portugal

Dias 26 e 27, pelas 22h, no Coliseu dos Recreios

MÚSICA

Caetano Veloso regressa a Portugal para a apresentação do seu novo espectáculo, baseado no seu último disco, Zii e Zie, vencedor de um Grammy. Como sempre, segue o conceito do disco, mas não se deixa “amarrar” por ele. Caetano interpretará os seus grandes êxitos e alguns temas que reconheceremos na voz de outros cantores. Acompanham-no Pedro Sá (guitarra), Ricardo Dias Gomes (teclados) e Marcello Callado (bateria)



Melody Gardot apresenta novo trabalho

Dia 7, pelas 21h, no CCB

MÚSICA

Melody Gardot apresenta o seu último álbum de originais, My one and only thrill, que alcançou o 2.º lugar no top da categoria nos Estados Unidos e o 12.º lugar no top inglês. Gardot afirma-se como uma das vozes mais sonantes do jazz actual, num trabalho de composições da sua própria autoria, inspiradas em grandes nomes da música norte-americana, como Miles Davies e Duke Ellington.



Flamenco, uma interpretação singular

Dia 10, pelas 21h30, no Teatro Tivoli

DANÇA

O espectáculo de bailado Flamenco apresenta este estilo de dança como jamais o foi apresentado. A procura da diferença transpôs o coreógrafo (João Hydalgo) para um patamar arriscado, apresentando coreografias descalças, utilizando instrumentos fora do comum nesta arte, como o piano ou a bateria, e utilizando temas complexos. No entanto, não existe um tema que não encarne a verdadeira chama do flamenco.



Mayumana, um evento único

De 7 a 18 (4a a Sáb - 22h e Dom - 17h e 22h) no Casino Lisboa

DANÇA

Mayumana é uma companhia multicultural, nascida em Tel Aviv, que desenvolveu uma linguagem artística única, baseada no ritmo, técnica, efeitos visuais, criatividade e humor. Já actuaram para milhões de espectadores em mais de 70 países. Hoje, Mayumana é globalmente reconhecida pelos seus espectáculos vibrantes. Momentum é o nome do novo espectáculo onde está patente a energia de 11 artistas, que cantam e dançam ao som da batida forte dos percussionistas.



Em destaque



Cool Jazz Fest

Entre 5 e 25 de Julho, em Cascais e Mafra

Com uma proposta original no calendário musical português, o CooljazzFest apresenta grandes figuras e novos talentos da cena actual numa viagem pelas linguagens e atmosferas do jazz.

Num encontro de expressões e perspectivas musicais, que se traduz num programa de 12 concertos singulares, este festival privilegia a diversidade e o diálogo criativo.

O CooljazzFest realiza-se ao ar livre, em espaços ímpares, e leva a palco vários nomes de destaque do panorama nacional e internacional, oferecendo uma experiência musical e sensorial incomparável.

Cascais recebe Chris Isaak, no dia 5; a diva Norah Jones, no dia 13; os portugueses António Pinho Vargas, Groove4tet e Laurent Filipe, no dia 17; Maria Betânia, no dia 22; Corine Bailey Rae, no dia 24; o expoente máximo do jazz feminino, Diana Krall, no dia 25, e Solomon Burke e Joss Stone, no dia 29.

Em Mafra podemos assistira aos Deolinda, no dia 20, e à orquestra Buena Vista Social Club, a que se junta a voz da lenda cubana Omara Portuondo, no dia 23.

Festival ao Largo

Entre 26 de Junho e 27 de Julho, no Largo de São Carlos, no Chiado

Depois do sucesso verificado na primeira edição, o Festival ao Largo regressa ao coração de Lisboa, animando um dos seus largos mais emblemáticos com 29 espectáculos de música sinfónica, coral-sinfónica, dança e bailado.

Entre as novidades da edição de 2010, destaca-se a participação de agrupamentos internacionais, como a Companhia Nacional de Canto e Dança de Moçambique, na abertura do Festival, e a Orquestra Sinfónica Juvenil de Macau, no encerramento.

Durante um mês haverá actuações, ao ar livre e de entrada gratuita, de diversos agrupamentos, com sonoridades totalmente díspares, numa viagem pelo universo de Mozart, Strauss, Mendelssohn, Verdi, Vivaldi, Tchaikovsky, Donizetti, entre outros compositores de música clássica, brasileira e até fado. Actuarão cinco orquestras e três coros nacionais, e as noites de bailado estarão entregues à Companhia Nacional de Bailado, que apresentará três programas distintos.



ARTES

Embora a temperatura convide à praia, não devemos pôr de parte a vertente cultural. Como tal, não deixe de visitar algumas exposições. Aqui ficam duas hipóteses.

Mais que a Vida e Constant Le Breton (1895-1985)

Até 6 Set. e 8 Agosto, respectivamente, na Fundação Calouste Gulbenkian



Dois artistas partilham e confrontam as suas obras e as ocupações que têm em comum: o português Vasco Araújo e o venezuelano Javier Tellez, residente em Nova Iorque. Mais Que a Vida, centra-se na obra destes dois artistas do mesmo arco geracional. O que os une, para além do uso da memória do cinema (que ambos utilizam mas de maneira diferente), é a sua reflexão sobre assuntos que geralmente são evitados ou escondidos. Javier Tellez trabalha com doentes de hospitais psiquiátricos e Vasco Araújo, de maneira menos directa, aborda também estas questões nas suas obras. A exposição integra o programa de 2010 - Ano da Saúde Mental. Em simultâneo, a Gulbenkian apresenta, pela primeira vez em Portugal, mais de 60 obras do pintor

francês, Constant Le Breton. Uma retrospectiva dos grandes temas da sua extensa carreira, que mostram a variedade da sua produção pictórica. Na mostra, é ainda possível constatar a dívida artística que a sua obra deixa transparecer, relativamente à pintura da segunda metade do século XIX, trabalhos influenciados por grandes nomes como Corot, Boudin e Manet.

Trabalhos de Graça Morais e mostra Por Paris

Até 19 Set. no Centro de Arte Manuel de Brito, Palácio dos Anjos, em Algés



Intuição, sentimentos, emoções. Estas são palavras usualmente ligadas à pintura de Graça Morais, artista que tem fortes ligações a Trás-os-Montes e à vida rural. A exposição patente no Palácio dos Anjos reúne cerca de 50 obras de Graça Morais, entre pintura e desenho, datados entre 1982 e 2005. Inclui pinturas da série Cabo-Verde, uma das mais conhecidas. Também no Centro de Arte Manuel Brito pode apreciar obras de outros artistas portugueses e estrangeiros, produzidas numa época em que muitos artistas escolhiam a capital francesa para viver. Trata-se de obras de artistas relevantes da modernidade do nosso país como Vieira da Silva, Júlio Pomar, René Bértholo, Lourdes Castro, José Escada a par com outros nomes internacionais, seus pares, Sónia Delaunay, Vasarely, Arman, Christo, Niki Saint Phalle e Ian Voss.

TEATRO

Este mês Almada recebe o Festival Internacional de Teatro. Uma excelente oportunidade para ver peças nacionais e internacionais de renome. Se tiver oportunidade, não perca.

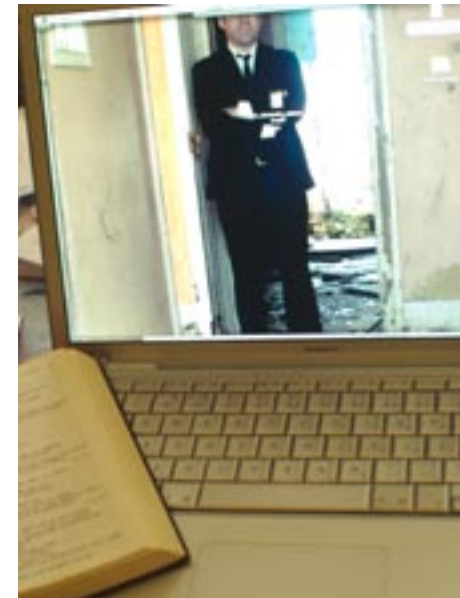
Festival de Almada

De 4 a 18 de Julho

A 27.ª edição do Festival Internacional de Teatro de Almada é uma das mais ricas e importantes mostras de teatro que se fazem em Portugal. Organizada pela Câmara Municipal de Almada e pela Companhia de Teatro de Almada, em parceria com outras companhias de teatro nacionais, o festival apresenta 30 produções, 16 portuguesas e muitas outras expressões culturais oriundas dos mais diferentes países.

A personalidade homenageada este ano é Maria Barroso, uma grande actriz do teatro e do cinema, e entre os encenadores destacam-se Luis Miguel Cintra, Rogério de Carvalho, José Peixoto, Américo Silva e Daniel Gorjão, Mónica Calle, Marguerite Yourcenar, Emmanuel Demarcy Mota, Claude Régy, Matthias Langhoff, Julie Binot, Tatiana Frolova, Coralía Rodríguez e Daniel Veronese.

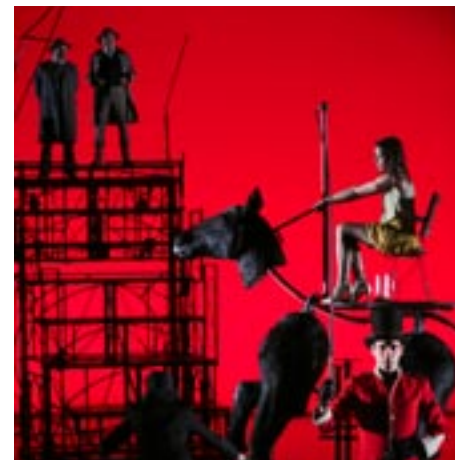
Poderá consultar o programa em www.ctalmada.pt/festivais/2010/



Long Distance Hotel

De 22 a 30 de Julho, pelas 21h30, no Teatro Maria Matos

Ao longo de seis meses, seis artistas, de diferentes países, criaram um espectáculo online, e vão conhecer-se apenas em palco, três dias antes da estreia. Long distance hotel é um projecto artístico que envolve uma comunidade virtual de criadores, com o fim de conceber um espectáculo, onde os conceitos de nacionalidade, identidade regional e diversidade cultural se relacionam criativamente. Este é um espectáculo no âmbito do projecto Estúdios, encontro anual de criação entre artistas portugueses e estrangeiros. As criações são de Gilles Polet, Goran Sergej Pristas, Judith Davis, Leo Preston, Tiago Rodrigues e Tónan Quito.



XADREZ

Anderssen, Mestre do Sacrifício

POR LUÍS EUGÉNIO RODRIGUES

Adolf Anderssen, nascido em 1818, na Alemanha, apesar de ser professor de matemática e o xadrez ser apenas um "hobby", foi um dos mais fortes jogadores do seu tempo e foi considerado por muitos candidato a campeão do mundo depois de vencer o Torneio de Londres.

Anderssen, que estudou estratégia, ainda em jovem, ficou célebre na história do xadrez, principalmente, por duas partidas, a Imortal, disputada, em 1851, contra Lionel Kieseritzky, em que depois de sacrificar um bispo, as duas torres e a dama concluiu com um xeque-mate de bispo e cavalos e a Evergreen em que jogou de brancas, em 1858, contra Jean Dufresne, sacrificando a dama e uma peça menor.

A partida que apresentamos, consiste, num sacrifício, em que as negras, conduzidas por Anderssen, ganham vantagem decisiva, obrigando as brancas a abandonar.

MESTRE DO SACRIFÍCIO

Suhle, B. – Anderssen, A.
As negras jogam e ganham



SOLUÇÃO: 1... Bx12; T4 (e as Brancas abandonam)

LIVROS

O escritor deixou-nos
mas a obra permanecerá.
Eis algumas notas
sobre Saramago



Homenagem

por Maria João Duarte

Com o corpo de José Saramago, que morreu no dia 18 de Junho passado, aos 87 anos, foi cremado, em Lisboa, uma edição do *Memorial do Convento*. Saramago, único prémio Nobel da literatura em Portugal, disse um dia que não acreditava na imortalidade da alma nem mesmo na imortalidade de um escritor. A alma talvez não exista, mas o escritor ficará concerteza vivo, por mais algumas décadas.

Saramago publicou o seu primeiro livro, *Terra do Pecado* em 1947, e só regressou em 1966, com *Os Poemas Possíveis*. Conhecido sobretudo pelos seus romances sem pontuação e pelas suas polémicas opiniões políticas e anti-clericais (lança em 1991 acesa polémica com a humanização de Cristo em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, que reacende em 2009 com a sua interpretação da Bíblia, em *Caim*), escreveu crónicas (foi director-adjunto do *Diário de Notícias*), palestras e conferências, impressões de viajante, contos e diários, peças de teatro e libretos de ópera.

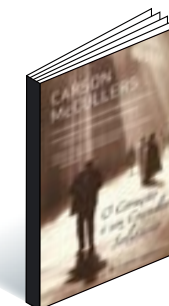
É o criador da belíssima personagem Blimunda do *Memorial do Convento*, o romancista que funde metáforas gigantescas (como a Península Ibérica transformada numa *Jangada de Pedra* que se separa do continente da União Europeia) com reflexões acerca do estado actual do mundo, que também faz romances sem dar nomes às personagens (*Ensaio sobre a Cegueira*) misturando frequentemente, na sua obra, o imaginário e os pormenores históricos (*Memorial de Convento* ou *A Viagem do Elefante*) que é lido em todo o mundo.

Os bons livros
contemporâneos
por José Mendonça



Carson Mccullers *O Coração é um Caçador Solitário*

Carson Mccullers nasceu em 1917, na Geórgia, e começou a escrever muito cedo. O coração é um caçador solitário foi publicado tinha a autora 23 anos, tendo sido bem recebido pelo público e pela crítica e, mais tarde, adaptado ao cinema e ao teatro. Recentemente foi eleito, pela Time Magazine, um dos 100 melhores romances do século. *The member of the wedding* (1946) e *a La Ballade Du Cafe Triste* (1955) são outras conceituadas obras da autora. Mccullers morreu em Nova Iorque em 1967. O coração é um caçador solitário passa-se no sul dos Estados Unidos, em plena década da Grande Depressão, num cenário desolado pela pobreza, intolerância e isolamento. Começa com a história de dois amigos, mudos e inseparáveis, que todos os dias seguiam juntos para os respectivos empregos. Eles eram muito diferentes: um deles trabalhava para o primo a confeccionar guloseimas, o outro numa joalheria. As outras personagens são Mick, uma rapariga de 14 anos, sensível e apaixonada; Biff, o proprietário de um pequeno café, desiludido com o seu destino; Jake, que passa os dias alcoolizado e o Dr. Benedict, que tenta mobilizar os negros a lutar pelos seus direitos. Todos eles sentem que não encaixam nos seus papéis e procuram, à sua maneira, preencher o vazio deixado pelos sonhos perdidos e todos, por algum motivo, acham que o mudo Singer os compreende. Mas Singer, impassível na sua mudez, não tenta alcançar nada senão a atenção de um amigo que não manifesta mais que indiferença... Uma obra expressiva e poderosa que permanece actual na sua projecção de uma realidade intrínseca à condição humana.



O Coração é um Caçador Solitário

Carson Mccullers
Editorial Presença, 2010

LÁFORA

As sugestões internacionais de mostras de arte, deste mês, passam por França, Espanha ou EUA. Veja fotografias de Manhattan, de vários autores, ou obras de Watteau, Kandinsky e Malevich.



Louvre, Paris, França

Antoine Watteau et l'art de l'estampe

De 8 de Julho a 11 de Outubro

Pintor, gravador e desenhista incansável, que morreu prematuramente aos 37 anos, Antoine Watteau (1684-1721) marcou o século XVIII com a graça e a espontaneidade da sua arte. Foi uma das principais figuras do estilo rococó, destacando-se pelas suas pinturas de temas galantes e pastorais. Estará exposta uma centena de quadros do artista, que representam os prazeres quotidianos da sociedade burguesa e são um retrato vivo, e em movimento, de uma época considerada decadente mas extremamente elegante e requintada.

Reina Sofia, Madrid, Espanha

Manhattan - fotografia de 1970 até ao presente

De 10 de Junho a 27 de Setembro

Manhattan é uma exposição de imagens, tiradas na cidade de Nova York, no início do período de intensa industrialização e negligência da década de 1970, em contraponto com trabalhos recentes de artistas que, plenamente conscientes das práticas dos seus antecessores, continuam a encontrar, actualmente, um potencial estético na cidade. A exposição inclui séries fotográficas de Peter Hujar, Alvin Baltrop, Rimbaud David Wojnarowicz, Zoe Leonard, Matthew Buckingham, Davey Moyra e Roysdon Emily, que mostram como os espaços urbanos podem tornar-se espaços verdadeiramente públicos.



Guggenheim, Nova Iorque, EUA

A geometria de Kandinsky e Malevich

De 9 de Julho a 7 de Setembro

Os artistas russos Vasily Kandinsky (1866-1944) e Kazimir Malevich (1878-1935), considerados dois dos pioneiros da abstracção, exploraram um vocabulário geométrico, ao longo das suas carreiras. Malevich é conhecido pela expressão de verdades universais, através da inter-relação de cor e formas geométricas. E Kandinsky estava, igualmente, interessado nas qualidades universais da geometria, e recorreu ao uso de motivos geométricos nas suas obras, a partir do início dos anos 20, quando deu aulas na Bauhaus - Escola de Arte e Design Aplicado da Alemanha.

PORTO

Aproveite o Verão, em Julho, no Porto: à noite vá ouvir música ou dançar e de dia pratique ou veja desporto!

Música variada

CASA DA MÚSICA: Adriana Calcanhotto (4), Melody Gardot, jazz EUA (6), Omar Souleyman, lenda da folk-pop na Síria + Coup de Bam (13). CULTURGEST: Bill Orcutt, guitarra acústica (9). O COLISEU recebe os manos Ma Bethânia (23) e Caetano (29). PLANO B: Bass-Off, grupo de música alternativa das Caldas da Rainha (3) Para quem gosta de electro-punk e “mosh”, os italianos The Bloody Beetroots Death Crew 77' são os convidados especiais da última edição do Clash Club no TEATRO SÁ DA BANDEIRA (8) e no TEATRO HELENA SÁ E COSTA Foge Foge Bandido, banda de Manel Cruz dos Ornatos Violeta (23)



Música ao Ar Livre

Na PRAÇA da CASA DA MÚSICA: Cyro Baptista inventor de sons e ritmos world com percussão, sapateado, artes marciais, samba, jazz, rock e funk + o grupo mexicano El Gran Silencio com cumbia, vallenato e banda (7) ONP & Bernardo Sasseti & Jean-François Lézé (9); da Costa do Marfim e influenciado pelo reggae, Tiken Jah Fakoly, + Terrakota (12), Francisco Ribeiro violoncelista, compositor e vocalista fundador dos Madredeus apresenta “Desiderata” (16); Fado com Ana Sofia Varela (17) e Camané (23); Tricky, músico de referência do trip-hop inglês (27). Na MAIA, Xutos & Pontapés (23) Nos JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL, Concha acústica, começa o Porto Blue Jazz (31)

Teatro

Charlotte Rampling e o actor grego Polydoros Vogiatzis fccionam uma conversa literária entre a escritora Marguerite Yourcenar e o poeta Konstandinos Kavafis no TEATRO N. S.JOÃO (16)

Desporto

CAMPEONATO DO MUNDO DE VOLEIBOL DE PRAIA-SUB19 na Praia do Edifício Transparente (28 a 1Ago). MUNDIAL UNIVERSITÁRIO RUGBY SEVENS (21 a 24) no Estádio Bessa. DOMINGOS DE YOGA no Monte Aventino e Palácio Cristal (11h00)

Este mês, António Cabral é o colaborador mais presente. Nestas páginas deixa-nos dois artigos de opinião que valem a pena ler atentamente.

Uma das óperas da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



Cardillac

1 A FNAC (Chiado) está a fazer um saldo de DVD's de Ópera. Comprei duas: Semele, de Haendel (1685/1759), uma obra prima absoluta da Ópera, e Cardillac (1926) do compositor alemão, Paul Hindemith (1895/1963).

Esta, que não é uma das Óperas maiores da história da música, é uma das Óperas da minha vida. Explicarei porquê.

2. Hindemith é um dos compositores alemães que criou novos caminhos para a música fora dos “desmandos” post-românticos, embora admiráveis, de Wagner, Richard Strauss e Mahler.

A sua música, por contraposição, tornou-se mais simples, mais utilitária, mais ascética.

Paul Hindemith, que não era judeu, emigrou para a América, durante o Nazismo, porque a sua música era considerada “degenerada”. Em 1946 naturaliza-se cidadão Americano.

De 1953 a 1963 realizou, como Maestro, sucessivas viagens. Assisti a um Concerto que dirigiu, em Lisboa, talvez no fim dos anos cinquenta, interpretando Obras suas à frente da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

3. Hindemith compôs várias óperas para além de Cardillac. Destas, a mais importante, é Matias o Pintor (1938) sobre o pintor Mathias Grunewald (1470/1528), cuja obra prima, O Retábulo de Issenheim, pode ser visto no Museu Unterlinden, em Colmar.

4. A acção de Cardillac, que transpõe para o Teatro uma novela de E.T. Hoffmann, passa-se na Paris de Luís XIV. A cidade está em pânico devido a diversos crimes em série, 20, 30, não se sabe ao certo quantos. Em Paris, nessa época, trabalhava um extraordinário ourives, Cardillac, que vivia com a filha. O genial Cardillac era, no entanto, incapaz de se separar das obras de arte que criava, recorrendo ao assassinato dos eventuais compradores. Mesmo ao Rei, que visitou o seu atelier, ele recusou a venda de qualquer peça, temendo vir a cometer um regicídio. Um mercador de ouro começou a desconfiar de Cardillac como sendo o “serial killer” e passou a persegui-lo. Mas a história complica-se. Um oficial apaixonou-se pela filha do ourives, e é por ela correspondido. Pede a mão da filha ao



Um livro da minha vida

ANTÓNIO CABRAL

Gonçalo M. Tavares Jerusalém

Jerusalem” (Romance) de Gonçalo M. Tavares foi publicado em 2004. Ganhou o Prémio José Saramago do “Circulo de Leitores” em 2005 e ainda o Prémio Ler-Millennium do BCP.

Foi um livro que tocou, além de muitos leitores, homens do Teatro, da Música e o Prémio Nobel da Literatura. Foi adaptado ao Teatro pelo “Bando”, com Encenação de João Brite, e apresentado no CCB em 2008. Foi transformado em Libretto de ópera pelo próprio Gonçalo M. Tavares, com Música do jovem (mas já com provas dadas) Vasco Mendonça e Encenação (e mesmo um pouco mais do que Encenação) de Luís Miguel Cintra, em 2009.

Ambas as versões (Teatro e Ópera) valem, e bastante, como Obras Artísticas independentes do Romance.

No Discurso de atribuição do Prémio, com o seu nome, José Saramago disse: “Jerusalem é um grande livro, que pertence à grande literatura ocidental. Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater!”

Ainda duas citações tiradas do Programa do CCB: “Sem o mal, não haveria acontecimentos” (Susan Neiman) e “A história do horror é a substância determinante da história” (Gonçalo M. Tavares)

Estamos, de facto, perante um romance do Mal e do Horror. O personagem masculino principal, o Dr. Theodor Busbak, está a escrever um longo tratado sobre o Horror ao longo dos tempos, fazendo, no último volume, futurologia sobre novos e não menores horrores que uns países virão a cometer sobre outros. Todos os personagens ou são Loucos - Mylia, Ernest Spengler; ou são Médicos de Loucos - Dr. Theodor Busbak (marido de Mylvia, que vai perfi-lhar Hass, o filho da sua ex-mulher e de um louco), Dr. Gomperz (Director do Hospício Georg Rosenberg); ou são filhos de Loucos - Hass (assassinado por Hinnerk Obst e filho de Mylvia e Spengler); ou, se o não são, andam muito perto da Loucura - como Hinnerk Obst (ex-combatente dominado pelo medo e vivendo à custa da prostituta Hanna).

Hanna é a única personagem que escapa ao rol da Loucura.

De resto, o Hospício é onnipresente no romance. Mylia, personagem principal, a propósito de Ernest (também louco e pai do seu filho), recorda a frase “se eu me esquecer de ti, Jerusalem, que seque a minha mão direita”. Mais tarde dirá “se eu me esquecer de ti, Hospício Georg Rosenberg, que seque a minha mão direita”. Há muitos anos (1962), vi um documentário de Mário Ruspoli Regards sur la folie onde o autor entrevistava loucos num manicómio. E ao ver o filme, vemo-nos a nós. Os loucos têm as mesmas angústias e obsessões que são as nossas, mas fora de todo o controle. São paixões desconformes, excessivas, para além do suportável. Esse é o mundo de Jerusalem.

Jerusalem é um romance circular, em que todas as personagens dispersas ao longo do livro têm um significado no final, fechando-se então a tragédia numa noite que os reúne e os destrói. É a noite das mortes de Hass e de Hinnerk e do encontro de Theodor e Hanna.

Um leitor da minha idade, ao ler este romance, não pode deixar de pensar em Dostoiévski.



Jerusalém

Gonçalo M. Tavares
Caminho

B
BETAR

**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**PONTE SOBRE
O RIO ZAMBEZE,
MOÇAMBIQUE**

